



coração selvagem

alguns escritos sobre a paixão por clarice lispector

coração selvagem

alguns escritos sobre a paixão por clarice lispector

org. aliás editora

© 2020 aliás editora

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

L732c Lima, Anna K. M.

Coração Selvagem – alguns escritos sobre a paixão por Clarice Lispector. 1.ed. – Fortaleza : Aliás Editora, 2020.

Recurso digital

ISBN 978-65-86800-16-6 (recurso eletrônico)

1. Literatura 2. Antologia 3. Clarice Lispector 4. Livros eletrônicos I. Título II. Homenagem

Os textos deste livro obedecem às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

edição executiva
anna k lima
isabel costa

revisão, diagramação e projeto gráfico
jéssica gabrielle lima

capa
letícia brígido*

todos os direitos desta edição reservados à aliás editora.

www.aliaseditora.com
[@aliaseditora](https://www.instagram.com/aliaseditora)
[/aliaseditora](https://www.facebook.com/aliaseditora)

*Letícia Brígido (@infphate) Aos 3 anos, começou a desenhar seus poemas. Aos 5, já os escrevia! Aos 7, incentivos de Maurício de Sousa. Aos 9, entrevista no Papo Literário (TVC). Hoje, com 14, vai além do desenhar poemas. O desenho já é, em si, sua própria poesia!

Sumário

<i>sobre o livro</i>	6
<i>o primeiro beijo</i>	9
<i>curiosidade impetuosa</i>	11
<i>a coisa</i>	12
<i>sopros de vida</i>	14
<i>mergulho</i>	15
<i>saudade do futuro</i>	17
<i>olfato canino</i>	18
<i>parque imaginário</i>	19
<i>entre tempestades & serpentinas</i>	21
<i>futuros im-possíveis</i>	22

sobre o livro

Porque na minha aprendizagem falta alguém que me diga o óbvio com um ar tão extraordinário.

(Clarice Lispector)

As possibilidades sempre me fascinaram, mesmo as mais simples. Sobretudo as mais simples! Imagino que o nome composto do romance *Uma Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres* me despertou muita curiosidade, somos movidos por isso, afinal.

Iniciei a leitura d'*Uma Aprendizagem* ainda nas aulas da faculdade, tendo como propósito uma análise de sua estrutura teórica literária. Mas o quê?! Me perdi no labirinto do que seria a metalinguagem de um livro: o exemplar que eu tomei de empréstimo para a leitura era repleto de grifos, indicações, recados de amor, proposições de pensamentos. Havia uma história dentro da outra história, ambas no processo de aprendizagem, ambas amplas em prazeres. Saboreei cada frase daquele(s) livro(s) como se eu mesma fosse aquele rei fascinado pelas palavras de Sherazade, sem que eu conseguisse parar de ler, ávida em participar de todos os passos das histórias.

Eu mesma criei meus grifos e uma necessidade enorme de dividir tudo aquilo: Loreley, Lóri, e todas as descobertas acerca dela mesma e do mundo. Ulisses, o ser amado, sendo apenas um coadjuvante em todo o processo. Clarice Lispector lançou, em 1969, o que veio a ser meu livro referencial para todas as minhas aprendizagens, me incentivando a sair de minha zona de

conforto e procurar as respostas metafísicas e mundanas nos outros.

A partir dos trechos selecionados por mim, inventei o que nomeei de Mariolas, em referência ao doce de banana (ou goiaba) embrulhado em papel celofane e enviava um bilhetinho com um dos trechos às pessoas que eu desejava dividir a experiência, em carta, com um bilhetinho passo-a-passo instruindo o procedimento: a orientação era que a pessoa abrisse sua 'mariola' quando ela percebesse que o tal momento havia chegado, e que esse momento deveria ser um momento bom e que houvesse algum dispositivo fotográfico por perto, para que ela pudesse me 'dizer' o que ela via naquele instante. Sem pretensão alguma, a não ser de ser muito curiosa, percebi que eu estava dialogando com ressignificações.

Dez de dezembro. Minha escritora preferida faria 100 anos. Clarice ainda vive: é água viva, pura reinvenção todo o tempo. Jamais vou esquecer da epifania em manusear suas cartas, letra e alma em um papel. Jamais me esquecerei de seus escritos ecoando e moldando uma nova - mais ainda a mesma - Anna Karine. Por ela, meus sentimentos, minha admiração e esse celebrar do amor. Muito prazer, num livro de aprendizagens chamado tempo em nossos corações selvagens.

Anna K Lima

o primeiro beijo

Hoje eu reli pela vigésima vez “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector. Eu fico viajando na sede desse menino que se sacia com a água que sai da boca de uma estátua de mulher. Fico imaginando o contato dos lábios ressecados e sedentos dele com os lábios firmes e frios dela. Duas criaturas opostas em matéria selando um beijo fruto do desejo e da pulsão que alucina o corpo da gente. Lembrei-me então do meu primeiro beijo. Eu e uma amiga dávamos umas voltas pelos quarteirões. Era nosso jeito de se sentir livres. Como se aquela finitude de caminhos fosse realmente limitada por nós. Até que dois rapazes vieram ao nosso encontro. Ela sabia de tudo, estava tudo combinado. Eu, coitada, estreitei-me dentro da minha roupa e se pudesse teria ficado ali completamente invisível. Ela dividiu os meninos como um rico divide as coisas, sem me consultar. Eu não conhecia aquele menino. Eu tinha quinze anos e ele parecia ser mais velho. Será que era a segurança dele que denunciava a idade? Não sei, mas ele me chamou para um canto. Dava pra ver a igreja dali e isso me deixou nervosa, como se eu fosse capaz de ver Deus de pé bem na porta me dizendo que aquilo era errado. Tive vontade de chorar. Ao invés disso, comecei a rir descontroladamente. Esse era meu jeito de me fazer passar por descolada quando as mãos esfriavam e as pernas tremiam. O menino me olhou nos olhos e perguntou se podia me beijar. Gostei do fato dele perguntar. Anos depois, eu aprenderia que nem todos eram assim tão gentis. Ele tinha um ritual que só ele entendia. Tentei me concentrar. Ele começava a me beijar no pescoço e ia subindo, mas quando chegava na bochecha, eu já havia explodido em gargalhadas. Ele pacientemente tentava, mas não engatava a história de onde parou. Tinha que sempre voltar ao pescoço e me ouvir sorrir. Até que ele decepcionado me olha nos olhos e diz:

Se não quer, tudo bem, mas não ria de mim. Eu fiquei séria e percebi que ele era mais branco do que eu, mais alto do que eu e que usava aparelho. Ele era bonito e nada tímido. Estava arrumado e perfumado. Eu imaginei que ele havia ensaiado aquele percurso em casa. Deixei-o percorrer e confesso que gostei da trajetória.

Luciana Braga

Luciana Braga é professora, pesquisadora, escritora, desenhista e bailarina. Atualmente é mestre em Literatura Comparada pela UFC, amante de Clarice Lispector, cactos, livros e boa música. Publica seus textos no coletivo @bora_cronicar e no instagram @escrita.infinita, e desenhos no @braga.drawing. Um deles foi utilizado como capa do livro *Mulheres do Ceará: Literatura, cultura, arte e ofícios* (2019).

curiosidade impetuosa

Chegou, há pouco, tua caixa, pelo correio. Uma curiosidade impetuosa quase precipitou-me. Tento conter-me e entregar-me ao teu ritual das “falsas dificuldades”, no afã do êxtase da “felicidade clandestina”. Mas... postergar a revelação? “Tortura chinesa”!!!

E se Pandora antecipar-se a mim??? O conteúdo oscila entre o bem e o mal, consoante as mãos que o liberam? Acaso as minhas libertariam o oposto das de Pandora?

Afinal, o que há dentro da esfíngica caixa? A esperança cativa? O “Amor” em “gemas amarelas e viscosas”, gotejando entre os fios de tricô, como os relógios liquefeitos de Dali? A perversidade das treze balas em Mineirinho? O chumbo das bodas de seda de Elvira? A incoercível beleza perfeita das miúdas rosas silvestres de Laura? A “inocência pisada” de Macabéa... sua “miséria anônima”? Por Deus, que estranhamentos... Que epifanias... Que ventania de morte... Que “sopro de vida” há nesta maldita caixa bendita???

Nenhuma carta, nenhum bilhete acompanhando.

Ora, Clarice, o silêncio, em ti, nunca é silêncio!!!

De súbito, o portal entreabre-se: é G.H.! Com a chave da caixa! Antes de Pandora!!! - AVE, G.H.! Pressinto o conteúdo, agora: COMUNHÃO!!!

Clarice, gratidão!!!

Rita Brígido

Rita, brincante no folgado das palavras. Idealizadora de eventos culturais. Autora em coletâneas internacionais. Letras... Direito... nas veredas do saber. A POESIA: plenitude de viver.

a coisa

Fortaleza, 5 de outubro de 2020.

São 3 horas da manhã, Clarice, reviro na cama, sinto o sangue parado nos tornozelos e pés, levanto-me, ando em círculo pelo quarto. Eu e todo o resto do mundo estamos enclausurados desde março. Lá fora, o intangível sacrifica sonhos, paralisa gargantas e pulmões... Ambulâncias atravessam as cidades e máquinas perfuram os solos dos cemitérios continuamente. Desde então, leio... leio... leio...

Reviro as estantes à procura daquele texto... aquele...? O primordial! Você sabe, Clarice... Você escreveu muito, mas não quero sua “Obra Completa”. Basta, neste momento, o primordial.

E quero dizer que encontrei o texto. Li-o e reli-o por horas, dias e meses... o tempo agora permite. Quando tudo isso passar, “quero estar refeita”. E o texto – o primordial – é um dos caminhos. Na verdade, não o li, eu o estudei. Mania de professora, Clarice, você me entende, neh?!

O mundo é óbvio e “Entender é a prova do erro.”

Contrariando as ordens, ontem eu saí. Céu azul e vento forte, em busca de ver lá fora a Coisa. E lá estava ela, a Coisa, parada no espaço e certa do seu não-em-si. Também me senti como você, Clarice, com os dedos vendo a aura da Coisa. Insisti que poderia amar a Coisa, entender a Coisa. No entanto, por um instante, senti que não saber da Coisa “é o que realmente importa”, pois não saber é um dom.

A Coisa também é invisível a olho nu, assim como Deus. Ela nos toma como seu disfarce e, ao mesmo tempo, vive em nós. Aponta seu dedo mostrando-nos quem somos. E Nós Somos. Sem sobrenome, Ela carrega a

beleza e a verdade: “sua grandiosidade vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer.”

Nós somos a maior prova de que a Coisa existe. A Coisa é o nosso grande sacrifício, uma invenção de sobrevivência, de salvação, “pois parece que viver não existe”. Queremos sobreviver – “Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal.” – somos isso. Mas insistimos que não somos, continuamos adormecidos e não sabemos nos explicar.

A Coisa nos chama, nos ameaça, faz escândalo e grita. Tudo isso para que Ela não se quebre dentro de nós.

O que você acha disso tudo, Clarice?! Parece aquela passagem do texto – o primordial – em que a voz afirma: “ser leal é ser desleal para com todo o resto”.

A Coisa se faz mistério e somos apenas o meio e não o fim.

Beijos da sua irmã ClariLys.

Emília Passos

sopros de vida

Duas mulheres em curso exilar:
a Ísis americana e a esfinge brasileira
Entre elas, pontes de contato:
origem estrangeira, mobilidade
Duas leitoras vorazes e missivistas profícuas
com significativas (e complexas)
amizades literárias
A escrita de si e do outro
uma espécie de metaficção
a resvalar pelos poros
e digerir segredos
Elas têm a escrita como ofício
o difícil e necessário ato de escrever
Humanismo, diálogo com outras artes
ambivalência e autobiografia:
traços e gestos de pura paixão
Sopros de vida
em pulsões de morte
Dor tem cor?
E amor?

Francisca Luciana Sousa da Silva

Francisca Luciana Sousa da Silva é graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2002) e Mestre em Letras – Literatura Comparada (2015) pela mesma instituição. Especialista em Estudos Clássicos pela UnB / Archai (2013), doutoranda em Estudos Literários pela UFMG, professora, pesquisadora, revisora e poeta.

mergulho

Seu coração batia tão forte que chegava a ser pungente. Apressado, selvagem, exagerado, fúnebre. Uma sede insaciável de aprender tudo ao seu redor.

Mais do que isso, ela queria saber mais de si mesma. Quem existe para além do reflexo do espelho, afinal? Que imagens os seus olhos constroem e o que eles querem tanto dizer? Quem os enxerga de verdade? Se é que isso é possível. Buscava vencer o medo da solidão.

Eram tantas coisas em sua lista. Precisava cumprir cada uma delas para ser a mulher que desejava, ou haveria alguma outra saída? Queria se orgulhar de si mesma, mas nada parecia o suficiente para se encontrar consigo. Com sua alma aos cacos, ela tentava seguir a vida mesmo sem se deparar com as respostas que procurava.

Passava por sensações de quase morte em quase todos os dias, pelo seu nervosismo nato de querer saber como vai ser o amanhã. Tudo que ela queria era se sentir viva, com todas as letras que essa palavra tão enérgica e trágica traz.

Hoje, hoje. Ela precisa estar no presente. Como vai se sentir inteira se aterrar seus pés na terra e sentir os sabores e desprazeres da vida? Estilhaçada. Precisava encontrar a razão e paixão de tudo, mas estava por um fio.

Foi ao mar. Sozinha. Nunca tinha feito isso: um motivo a mais para celebrar. Aquelas ondas, certamente, seriam capazes de ensinar algo precioso. Vai, vem. Mergulha. A água salgada percorre o seu corpo como um abraço de força que a impulsiona a acreditar mais em si. Primeiras vezes sempre são únicas.

Vida-morte-vida, a natureza a ensina. Os acontecimentos, por mais

planejados que sejam, se entrelaçam com a misteriosa imensidão cósmica. Para ser inteira, é preciso se abrir para o desconhecido.

Aproveitar as paisagens do tempo por mais que ele passe rápido. E entrar nessa dança, entender o corpo para além de suas necessidades. Beber o que a alma mais anseia, se vestir de novas histórias e abrir os olhos para voar.

Entre alguns pensamentos, vírgulas e dois pontos, ela entrou madrugada adentro e olhou as estrelas: ela estava viva. Sim, muito viva. A dor de existir é mesmo um milagre.

Priscilla Pinheiro

Capricorniana com ascendente em touro, é mãe de plantas e gatinhos, e mestranda em Comunicação na UFC. Movida a tudo que envolve arte e criatividade, ama ouvir histórias, tem mania de olhar pro céu, aprecia cores que não sabe o nome, tem sempre um caderno com caneta por perto e tenta se equilibrar diariamente entre pensamentos-sensações.

saudade do futuro

eu não recordo quando a conheci
muito menos qual foi seu primeiro texto que li
mas lembro bem que, aos quinze, abarrotava meu blog com suas frases
mais marcantes
dilacerava meu peito,
traduzia meus sentimentos no auge de uma adolescência cheia de
silêncios
hoje, quase aos trinta, revisito os antigos escritos lidos naquela época e
percebo muitos não-vistos e muitos não-lidos por uma adolescente já distante

a cada leitura, uma nova pergunta
a cada leitura, um novo livro
a cada leitura, um novo encontro

Clarice é aquela que dá saudade do futuro, né não?

Juliane Garcia

Quase trinta anos de sonho e de sangue. sol em aquário, lua em gêmeos. coração selvagem. onde queres um lar, revolução. é psicóloga e professora. desenha e escreve para não sufocar com as forças incontroláveis que traz na escuridão peito

olfato canino

Nos olhamos, eu e aquela menina ruiva, meu apurado olfato canino detectando um aroma de amor que ela exalava. Não resisti: abandonei minha rabugenta ex-tutora. Saí correndo, rabo balançando, em direção àqueles cabelos cor de fogo, braços abertos nos quais me joguei, aplicando-lhe lambidas com gosto de uma vida melhor.

Camila Lippi

Camila Soares Lippi é carioca, professora do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Amapá, e doutoranda na mesma área na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Louca dos gatos, é mãe dos felinos Taz e Lucy. Escreve contos e faz terapia para não morrer sufocada pela vida.

parque imaginário

No meu quintal cabe o mundo. O meu mundo, o que sinto e cuido, o que penso, desejo e temo. O que coloquei e esqueci de retirar. Tenho retirado excessos, são tantos. Botado fora o que não serve ou nunca serviu. Retirado traças, aspirando o pó. Estou doando o que pode ser doado e colocando em uso o que fica. Tenho me surpreendido com a quantidade de lixo. Recolho, coloco fora. O problema é que não existe fora. Pra onde vai tanto lixo? Tanto copo e xícaras quebradas? Desculpem, aranhas, no meu quintal, não tem espaço pra vocês. Digo, para as venenosas. Mas como hei de saber quais de vocês são?

Em momento transição, prefiro perder as que estão apenas tecendo teias, a ser apresentada à viúva negra. Não estou preparada ainda para fazer amizade com viúva negra.

Nim e extrato de própolis foi a mistura que perfumou a casa.

No meu quintal quero pessoas felizes, mesmo quando estiverem tristes. Nele, cabe construção de parque imaginário, desde que ao final volte tudo pro lugar. Ando precisando de ordem, não só no quintal. Tenho reintegrado espaços de posse. Espaço de existir, por exemplo, a cama voltou a ser minha. Crianças foram realocadas em seu quarto.

Tenho me permitido momentos de solidão. Solidão não, solidude, durante as madrugadas, que expulsam o sono quase sempre após um intrigante sonho, onde converso com monstros e lugares distantes. No sonho, tenho asas e voo de volta pro quintal. Nesses momentos, escuto silêncios. A noite é clara, com a lua gorda e faminta de nuvem. O zumbido da muriçoca incomoda, tento não ouvir. Quanto mais tento, mais alto ele fica. Asas de muriçoca possuem microfones de alta potência. Lembro da

constante pergunta do filho mais velho: Mãe, por que Deus criou muriçoca? Pra ser comida de sapos. No íntimo, desejo que não as tivesse criado. Quanta pretensão, quem é você para dizer o que deve ou não existir?

Matei a muriçoca e fiquei com o meu sangue pintando a mão. Todos os sangues são vermelhos. Quem os tingem com tanta cor? Tirando a muriçoca da vida, escuto o retorno do silêncio, o som das folhas de bananeiras dançando com o vento. O meu treino de amar todos os seres sencientes não tem funcionado muito, em um texto de menos de uma lauda, já matei aranhas e muriçocas, já joguei um monte de lixo no planeta. O ser humano é mesmo uma praga na natureza.

No meu quintal cabe minha infância. As bananeiras chamam os beija-flores, a siriguela tem cheiro de esperança e o balanço abre porta para crianças da vizinhança inteira. Mas, no momento, só as da casa podem entrar. No silêncio, abro lembranças, lembro sonhos. Os que tive e os que hei de ainda ter. No silêncio, me vejo em uma rede amarela balançando na varanda, tão morgada quanto a Serra, e vendo o rio cuja água já nasceu, com um potente sinal Wi-Fi.

No meu quintal, cabem memórias, as minhas e as de quem veio antes. Tem sementes das futuras, de quem ainda não nasceu. Alguns o chamam de inconsciente, pra mim, é apenas o meu quintal.

Thalynni Lavor

Ariana com lua em touro. Especialista em histórias de calçada e resgate de passarinhos perdidos pela casa. Adora fazer novas amigas de infância e de abraçar as antigas. Casada com o namorado de adolescência. É mãe de Mateus e Rafa. Filha que, as vezes, é mãe também das amigas. Aliás, quer maternar o mundo. Tem irmãos de todas as idades. Jardineira, cabelereira e cozinheira, em estágio probatório. Juíza, escritora, terapeuta, celebrante, ecovileira, buscadora. Amadora de descobertas. Tem bananeiras no quintal. Desculpe a bagunça, estamos em construção.

entre tempestades & serpentinas

Dos fragmentos de Clarice
espalhados entre as linhas
que tecem memórias de um carnaval
antigo e nublado,
Meu coração
-pouquíssimo carnavalesco-
e se achando tão alheio,
Parece ter encontrado um espelho.
Meu peito cheio.
As ruas cheias.
Entre tempestades e serpentinas
Atônito.
Parece ter encontrado ele mesmo
Em meio aos restos do carnaval.

Natália Pinheiro

Natália Pinheiro é um aquário cheio de água que vive transbordando por cada beirada que a cerca e que sente imensidão transbordantes. É, entre tantas imensidões, poeta, estudante de História, amante das trocas vindas com encontros, encantada pelas miudezas da vida e mais um monte de coisas em constante construção. É também lutadora junto com o povo preto, mulheres, LGBTQs e periféricos. Slammer Cariri.

futuros im-possíveis

Há dias preciso escrever. Enquanto o útero descama, as novas varizes das pernas alteiam e idealizo futuros *im-possíveis*. Momentos próximos, sem cabeça cheia de vazio, sem estrada de lamaçal que afunda os pés até a canela e pesa para puxar. Traço mundos novos e estratégias para derrotar a apatia. Entre viver e existir há essa brecha. Uma linha tênue, *pulsão-de-alguma-coisa* que tenta mexer comigo, do lado de cá.

Por vezes, imagino-me como um trem, movido a ódio, que descarrilha vez ou outra, quando o caminho está inclinado à falta de verdade. Vagões cheios de histórias para contar, cargas de outras vivências e as ervas daninhas que crescem ao redor do trilho.

Sigo mergulhada no vazio, Clarice. Atravesso um deserto de areia movediça há mais de 70 dias. Não pinga uma gota do céu. Não chove! Não chove! Não aparece uma fonte de água salobra, quanto mais cristalina. Atravesso o tempo nessa ladainha, Clarice.

Canelas acinzentadas...

Vontade de nada.

Laís Eutália

Laís Eutália tem 26 anos de idade é moradora do Carlito Pamplona e se criou no São João do Tauape/Pio XII em Fortaleza - Ceará. É aspirante a historiadora, contadora de histórias, poeta, sonhadora e, dentre todas as coisas, vivedora. Chega junto do movimento de saraus de Fortaleza e da Biblioteca Comunitária Okupação. Integra juntamente com mulheres maravilhosas a BaRRósas, coletiva de mulheres poetas periféricas. Filha do céu e do mar. Aprecia os ventos de agosto e tem mão boa para plantas.



mas há a vida
que é para ser
intensamente vivida,
há o amor
que tem que ser vivido
até a última gota
sem nenhum medo
não mata

(a descoberta do mundo)

Juliane Alencar

Aliás é uma editora independente, que surgiu em 2017 com o objetivo de publicar livros, zines e outras publicações artesanais nos mais diversos gêneros, com ênfase na literatura e nas artes visuais. A proposta inclui a publicação de mulheres (cis e trans) nas conexões produtivas do livro e da literatura, buscando viabilizar a inserção de autoras (inéditas ou não) com temáticas que valorizem o papel fundamental da mulher na construção e na potencialidade de territórios mais livres, justos e igualitários. A Aliás Editora é formada por Anna K Lima, Isabel Costa e Jéssica Gabrielle Lima.

Esta obra foi composta para a Aliás Editora em Adelle, formato digital, enquanto o mundo estava vivendo a pandemia do Novo Coronavírus e aguardava com ansiedade a chegada de tempos menos difíceis.

